

## RE(EX)ISTÊNCIA FEMINISTA E LITERATURA: A EXPERIÊNCIA DO LEIA MULHERES EM ALEGRETE/RS

Ana Lúcia Vargas <sup>1</sup>  
Aliriane Ferreira Almeida <sup>2</sup>

**Resumo:** Este relato de experiência é sobre o Clube de Leitura “Leia Mulheres” na cidade de Alegrete, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. São quase 02 anos de encontros mensais, 20 livros lidos. O Clube de Leitura faz a articulação de redes culturais locais pela visibilidade das mulheres na literatura, sendo um espaço político para equidade de gênero na literatura, um espaço de trocas, sororidade, e de reafirmação da existência das mulheres num viés de empoderamento por meio da literatura.

**Palavras-chaves:** Mulheres na Literatura. Empoderamento feminista. Escrita de mulheres. Clubes de Leitura.

### 1 QUANDO TUDO COMEÇOU...

A iniciativa do Leia Mulheres Alegrete partiu da professora Ana Lúcia Vargas e da bibliotecária Aliriane Ferreira Almeida após terem participado da roda de conversa sobre o projeto Leia Mulheres em Porto Alegre, com a mediadora Clarissa Xavier, dentro da programação da 38ª Feira do Livro de Alegrete em 2017 que teve como tema “Literatura e Resistência: a presença da mulher na literatura”. A ideia uniu as duas profissionais que já estavam envolvidas em atividades pela democratização do acesso ao livro e de incentivo à leitura, e atividades da militância feminista no município de Alegrete, por meio da participação e organização de rodas de conversa sobre feminismo e gênero na rede pública e também através de parcerias com coletivos feministas da cidade.

Destacamos que há uma união muito potente nas profissões das mediadoras, sendo uma professora e uma bibliotecária, como reflete a bibliotecária colombiana Silvia Castrillón (CASTRILLÓN, 2011) no que tange ao direito de ler e escrever, associado ao caráter político e ético dos profissionais da educação, bem como dos bibliotecários.

---

<sup>1</sup> Professora da rede municipal e estadual de Alegrete/RS, Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Especialista em Gestão Educacional, Mestre em Políticas Públicas e Gestão. Email: [analsvargas@hotmail.com](mailto:analsvargas@hotmail.com)

<sup>2</sup> Bibliotecária/coordenadora da Biblioteca Pública Mário Quintana, Alegrete/RS, Conselheira do Conselho Regional de Biblioteconomia CRB10. Email: [aliriane.falmeida@gmail.com](mailto:aliriane.falmeida@gmail.com)



## 2 POR QUÊ LER MULHERES?

O projeto de leitura Leia Mulheres, em Alegrete, é uma oportunidade de potencializar a resistência feminista e a luta pela equidade de gênero por meio da Leitura e da Literatura, áreas de empoderamento social e instrumentos de cidadania, mas que também podem atuar na via oposta: exclusão e elitização do meio literário. Nesse sentido, trazemos a Castrillón quando fala sobre o aspecto político da leitura:

A leitura é um direito histórico e cultural e, portanto, político, que deve situar-se no contexto em que ocorre. Historicamente a leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeiro nas mãos da Igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar. (CASTRILLON, 2011, p. 16).

Historicamente, vemos as mulheres fora dos processos que envolvem a escrita e a publicação (e isso se reflete na representatividade dos personagens também). Se Castrillón cita o poder da Igreja e dos governos aristocráticos, políticos e os interesses econômicos, acrescentamos ainda o sistema branco, heteronormativo, racista, machista e patriarcal que nasce por meio da literatura se retroalimenta se não houver rachaduras em sua estrutura.

Recentemente publicado, o livro “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política” (SILVA; LIMA, 2018) é um exemplo de como produzir rachaduras nas pesquisas da Biblioteconomia. A publicação traz para o primeiro plano, debates como: diferentes narrativas possíveis para construções de outras formas de estar em sociedade que não essa da existência branca, heteronormativa, machista e racista (GOMES, 2018) e também a importância de escritoras negras nos acervos de bibliotecas públicas (JESUS; MORAES; MACEDO, 2018), pautas que dialogam com o Leia Mulheres. No campo do feminismo, algumas autoras contemporâneas lidas nos encontros embasam as discussões, como, por exemplo, a filósofa Djamila Ribeiro (RIBEIRO, 2017; 2018), Angela Davis (DAVIS, 2016) e Chimamanda Ngozi Adichie (ADICHIE, 2017).

As pesquisas na área da literatura mostram como se manifesta essa exclusão social citada por Castrillón. A pesquisadora Regina Dal Castagné, e os grupos de pesquisa em literatura contemporânea que ela participa, mostra uma realidade de um perfil de escritores: homens brancos heterossexuais, que se reflete consequentemente na representatividade dos personagens.

De acordo com a pesquisa, 94% dos autores brasileiros são brancos e 73% são homens. Essa predominância se reflete diretamente nos temas de suas obras. Os personagens das obras analisadas são homens (62%) e heterossexuais (81%). Já os personagens negros, são somente 8% do total – e raramente são centrais para a obra (6% dos protagonistas e 3% dos narradores). A principal ocupação das personagens brancas são donas de casa, artistas, escritores e estudantes, enquanto das personagens negras são bandido/contraventor, empregado (a) doméstico (a) e escravo. (CASTAGNÉ, 2012, p. 182).

Diante deste contexto, não terá sido mera coincidência que apenas dois anos após a publicação do livro “Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado” (CASTAGNÉ, 2012), no Brasil, tenha surgido no exterior a semente do “Leia Mulheres” por meio de um movimento da escritora Joanna Walsh, ou seja, a realidade de desigualdade de gêneros na literatura não era exclusividade do Brasil (LEIA MULHERES, 2015).

### **3 O CLUBE DE LEITURA “LEIA MULHERES”**

O Leia Mulheres se constitui no Brasil como Clubes de Leitura espalhados pelas cidades, para leitura exclusivamente de livros escritos por mulheres, nos mais diversos gêneros literários. Quando entramos em contato com as coordenadoras do projeto (Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques), em agosto de 2017, eram apenas quatro cidades no Rio Grande do Sul ligadas ao projeto, agora já são nove cidades vinculadas ao Leia Mulheres (Alegrete, Canoas, Caxias, Gravataí, Nova Prata, Novo Hamburgo, Pelotas, Porto Alegre e São Leopoldo). Assim, o Leia Mulheres vai completar dois anos de experiência no município.

Desde o primeiro encontro em agosto 2017 (apenas para apresentação do projeto), o grupo em Alegrete já leu e discutiu vinte livros. O número é mais que o dobro da média de leitura dos brasileiros, levando em consideração a média anual de livros lidos do brasileiro que é de 4,96 livros/ano, conforme dados da última pesquisa Retratos da Leitura (FAILA, 2016). Além dos encontros principais, foram feitas duas leituras extras em parceria com escolas da rede pública da cidade (Pólo do Caverá, na zona rural da cidade, e Escola Estadual Waldemar Borges, na periferia urbana). A descentralização do projeto é uma forma de levar a literatura para quem não está no circuito do centro da cidade, e isto é fundamental para democratizar a leitura e a literatura.

O Leia Mulheres, em Alegrete, acontece na Biblioteca Municipal Mário Quintana, onde o grupo reunido conversa sobre um determinado livro e escolhe a leitura para o próximo mês. Os encontros são abertos a homens e mulheres com interesse em literatura. A conversa é informal, não há certo ou errado, há apenas a literatura e o prazer de ler. Outras atividades como *happy hour* e cinema também são realizadas. O “CineLeiaMulheres” acontece no Coletivo Multicultural, parceiro com a sala de cinema. Fortalecemos, assim, as redes culturais no município.

O critério para a escolha dos livros é *a priori* ser escrito por mulher, posteriormente verificamos o gênero literário para que sejam intercalados, possibilitando ao grupo explorar poesia, romance, contos e crônicas, entrando em subgêneros como romance policial, ensaios, escrita jornalística, ficção científica e também a literatura infantil. As participantes, ao final de cada encontro são convidadas a exporem suas sugestões para o próximo, sendo definido o livro já neste mesmo momento, ou, no caso de até três sugestões, é realizada votação por enquete no grupo do Facebook. No Quadro 1 consta a lista dos livros lidos com a nacionalidade das autoras, o gênero e a data do encontro.

Quadro 1 – Lista de livros lidos no Leia Mulheres Alegrete/RS

AUTORA	NACIONALIDADE	TÍTULO	GÊNERO	LIDO EM
Rupi Kaur	Canadense (indiana)	Outros jeitos de usar a boca	Poesia	23/9/17
Clarice Lispector	Brasileira-ucraniana/carioca	A Hora da Estrela	Novela/Romance	21/10/17
Marcia Tiburi	Brasileira/gaúcha	Como conversar com um fascista	Ensaio	25/11/17
Angelica Freitas	Brasileira/gaúcha	Um útero é do tamanho de um prímo	Poesia	16/12/17
Daniela Arbex	Brasileira/mineira	Holocausto brasileiro	Jornalismo/Denúncia	20/1/18
Carolina Maria de Jesus	Brasileira/mineira	Quarto de despejo	Diário	24/2/18
Agatha Christie	Britânica	Assassinato no Expresso do Oriente	Romance Policial/Mistério	24/3/18
Chimamanda Ngozi Adichie	Nigeriana	No seu pescoço	Contos	21/4/18
Isabel Allende	Chilena	A casa dos espíritos	Romance	19/5/18
Conceição Evaristo	Brasileira/mineira	Olhos d'água	Contos	23/6/18
Hilda Hilst	Brasileira/paulista	Estar sendo ter sido	Prosa/Romance	18/8/18
Virginia Woolf	Britânica	Um teto todo seu	Ensaio	15/9/18
Margaret Atwood	Canadense	O conto da aia	Romance/Ficção Científica	27/10/18
Maria Firmina dos Reis	Brasileira/maranhense	Ursula	Romance	17/11/18
Djamila Ribeiro	Brasileira/paulista	Quem tem medo do feminismo negro	Crônicas	15/12/18
Angela Davis	Estado-unidense	Mulheres, Raça e classe	Ensaio	19/1/19
Florbela Espanca	Portuguesa	Livro de soror Saudade	Poesia	9/2/19
Anne Frank	Alemã (judaica)	O diário de Anne Frank	Diário	9/3/19
Lya Luft	Brasileira/gaúcha	Perdas e ganhos	Romance	27/4/19
Elizabeth Gilbert	Estado-unidense	Comer, Rezar, Amar	Narrativa de Viagem	25/5/19

Fonte: elaborado pelas autoras.

A data seguinte era definida também ao final de cada encontro, conforme agenda das participantes, porém, esta dinâmica foi recentemente modificada: agora a agenda é feita trimestral, para que tanto o grupo mais assíduo quanto outras pessoas possam se programar com mais antecedência. Isto ocorreu em razão de algumas questões trazidas nos encontros: a) a dificuldade de aquisição nas livrarias da cidade, que não têm os livros escolhidos, somando-se a isso a demora na entrega no caso de compra virtual; b) pessoas que se manifestaram quanto ao prazo de um mês de leitura ser muito curto. Assim, espera-se que seja possível que as pessoas se programem para ler, em até três meses, pelo menos um livro e possam participar do encontro. Ao final do ano será avaliado se a decisão fez com que aumente o número de participantes. Também temos o critério de trazer sempre autoras negras entre as escolhidas, bem como manter uma diversidade de tempo: livros publicados recentemente e outros um pouco mais antigos.

Para organizar os encontros, articular a escolha dos livros e datas, e manter a coesão do grupo reunido em relação ao tempo de fala e ao respeito entre as/os participantes nas discussões, cada Clube de Leitura tem suas mediadoras responsáveis. O papel das mediadoras nos Clubes é também de ser uma ponte entre os leitores/as e os livros. Mediadoras/ES são portas de entrada para o mundo da leitura e suas diversas formas. Estas pessoas auxiliam na construção das experiências dos leitores. O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros.

Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras ‘verdadeiras’, é essencial. (PETIT, 2009, p. 154).

Indo ao encontro desta reflexão da pesquisadora Michele Petit, sobre a necessidade da troca de ideias, pensar a potência efetiva de que pessoas se reúnem para falar sobre literatura é pensar resistência. Pode-se ter melhor noção sobre o que isso representa com o relato da mediadora do Lendo Mulheres Negras, Evelyn Sacramento, em entrevista para o artigo escrito por Carol Almeida, no Suplemente Pernambuco (publicação com temática literária).

[...] Nós costumamos dizer que nossos encontros são de cura, expomos sentimentos, compartilhamos vivências, muitas vezes choramos, rimos, divergimos, lambemos feridas e, por fim, recebemos cumplicidade no olhar e nas palavras de nossas iguais, outras mulheres negras’. Pensar a obra de

Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lívia Natália, Cidinha da Silva, Chimamanda Ngozi Adichie, autoras que, entre outras, foram lidas pelo clube ao longo desses anos, como uma experiência expandida de cura coletiva leva a literatura para o campo da resistência. (ALMEIDA, 2019, p.13).

Destacamos do relato de Evelyn a subjetividade. Os encontros são abertos a homens e mulheres, mas pelos registros fotográficos (Figura 1) pode-se afirmar que as participantes do Leia Mulheres Alegrete são predominantemente mulheres<sup>3</sup>.

#### 4 ESPAÇOS DE CONFIANÇA E SORORIDADE ENTRE MULHERES

Nestes quase dois anos o grupo Leia Mulheres têm sido convidado a participar cada vez mais de atividades relacionadas à literatura e ao feminismo (semana da mulher, semanas acadêmicas de universidades, seminários de leitura, feiras de livros), se constituindo como referência na área da literatura. Essas articulações vêm das trocas que são feitas nos encontros, vêm do olho-no-olho, da amorosidade e empatia; no exercício e na experiência da sororidade. Isso é o que impulsiona os valores de resistir sendo mulher em um município na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Resistir encontrando ressonância na escrita de outras mulheres, nos personagens femininos construídos a partir desse olhar e na emoção na identificação; do nosso olhar como mulheres escrevendo também uma história, para além da “História Universal” que é a História dos Homens. Re-Existir.

<sup>3</sup> As fotos de todos os encontros do Clube estão na página do grupo no Facebook, disponível no endereço: <https://www.facebook.com/groups/117535638892332/photos/>





Figura 1 - Registro do encontro Leia Mulheres Alegrete - Livro: Diário de Anne Frank



Fonte: arquivo do Leia Mulheres Alegrete, disponível na página do grupo no Facebook.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALMEIDA, Carol. O estar presente como arma de leitura. **Suplemento Pernambuco**, jan. 2019.p.12-15. Disponível em:  
[http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE\\_155\\_web.pdf](http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_155_web.pdf). Acesso em: 11 maio 2019.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTAGNÈ, Regina Dal. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

GOMES, Elisângela. Discursos insubmissos na diáspora negra. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; LIMA, Graziela dos Santos (Org.) **Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política**. Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018.p.17-38.

JESUS, Ana Carine S. de; MORAES, Iara; MACEDO, Lais Hellen Santos. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; LIMA, Graziela dos Santos (Org.) **Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política**. Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018. P.319-347.

LEIA MULHERES. **Sobre nós**. 2015. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 11 maio 2019.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2017. (Coleção Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; LIMA, Graziela dos Santos (Org.) **Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política**. Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018.